

SEMANA SANTA E TRÍDUO PASCAL: Memória, expectativa e ressurreição

Frei Jacir Silvio Sanson Junior, OAR

Deduzindo do Mistério da Encarnação do Verbo (cf. Jo 1, 1), não há mais realidade humana e natural que não possa ser “atingida” pela sacralidade e santidade divinas. Intervém como aurora no horizonte da fenomenologia religiosa, coincidindo inclusive com um novo momento da história pessoal de Pedro, os dizeres que os Atos dos Apóstolos lhe atribui: “[...] Deus acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro” (At 10, 28b).



A designação “Semana Santa”, destinada a precisos oito dias do calendário civil-eclesial, não é uma exclusividade. As intensas atividades litúrgicas e manifestações devocionais concentradas entre o *Domingo de Ramos* e o *Domingo da Ressurreição* portam “[...] o centro e a síntese da celebração do Mistério da Paixão-Morte e Ressurreição de Cristo [“o Princípio e o Fim” (Ap 22, 13)] no Ano Litúrgico”¹. O entorno ao **Tríduo Pascal** enceta essa composição que, no decurso da história, veio a se enriquecer cada vez mais.

A Semana Santa nos conduz à **celebração da Páscoa** através de uma experiência fundante, assim enunciada por São Paulo: “[...] pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6, 4). Na Semana Santa tende a ser ainda mais vívida a lembrança de que Deus faz novas todas as coisas (cf. Ap 21, 5a) através da Morte e Ressurreição de Jesus.

Havendo, no início, só a **Eucaristia dominical**, logo depois se passou a uma celebração particular **por ano**. Em seguida surgiu a solene **Vigília Pascal**, que não demorou ser incrementada com a **vigília batismal** e o batismo dos catecúmenos. Foi estendida para **três dias ou momentos**: a. paixão e morte (véspera da Sexta-feira); b. sepultura (Sábado); c. vigília da ressurreição (noite de Sábado para Domingo). Só mais tarde apareceram o ramo bento, a adoração solene do Santíssimo no tabernáculo, o beijo do crucificado, as bênçãos (ovos, casa, frutas etc.), a procissão do encontro, o sermão das 7 palavras, a malhação do Judas etc.

¹ BECKHÄUSER, Alberto. **Celebrar a vida cristã**: formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 206.

A tabela abaixo, apoiada no texto de Frei Alberto Beckhäuser², auxilia a compreender a formação gradativa dessa estreita faixa que aglutina algumas dezenas de celebrações oficiais e manifestações para-litúrgicas na religiosidade católica.

ESTÁGIOS				
	A) <i>Inicialmente...</i>	B) <i>Em seguida...</i>	C) <i>Depois...</i>	D) <i>Só mais tarde...</i>
C E L E B R A Ç Õ E S	Páscoa celebrada semanalmente pela <i>Eucaristia dominical</i> ; logo depois, numa celebração particular <i>por ano</i>	Páscoa celebrada numa solene <i>Vigília Pascal</i> ; depois incrementada com a <i>vigília batismal</i> e o batismo dos catecúmenos	Desdobramento em <i>três dias</i> ou <i>momentos</i> : a. paixão e morte (véspera da Sexta-feira); b. sepultura (Sábado); c. vigília da ressurreição.	Surge a <i>Semana Santa</i> , adereçada com aspectos externos e marginais ao Tríduo Pascal: ramo bento, adoração solene do Santíssimo no tabernáculo, beijo do crucificado... bênçãos (ovos, casa, frutas etc.), procissão do encontro, sermão das 7 palavras, malhação do Judas...

Nos primeiros séculos a celebração da noite pascal, “mãe de todas as vigílias” (Santo Agostinho, Sermão 219), enfatizava a festa que, a partir do séc. IV, seria delineada enquanto “*sacratíssimo Tríduo do Senhor crucificado, sepultado e ressuscitado*”, uma celebração anual mais vinculada à atuação presencial da ação redentora de Cristo que à promoção de formas de representação imitativa dos eventos de sua vida³.

Se na Semana Santa nos apropriamos, por meio de tantos artifícios cênicos, daqueles relatos que reconstroem os últimos momentos de Jesus: a entrada solene em Jerusalém, a última ceia com os discípulos, o encontro com sua mãe, a via-sacra, o canto de Madalena, o descenso da cruz, a procissão do Senhor morto...; sobretudo nos impele o desejo, operado litúrgica e espiritualmente, de *participação e vivência do mistério de Cristo*.

Somos interpelados a expressar fé e esperança através da penitência. Ao mesmo tempo em que procuramos antever o gérmen de redenção escondido no rosto desfigurado do Servo do Senhor (cf. Is 42, 1-7; 49, 1-6; 50, 4-9a), respectivamente na **Segunda, Terça e Quarta-feira Santas**⁴, rezamos “O Senhor é minha luz e salvação” (Sl 26/27, 1a), “[...] sois a minha força e meu amparo” (Sl 70/71, 3b), “[...] não despreza o clamor de seus cativos” (Sl 68/69, 34b). A visita a Betânia prediz o aroma da ressurreição (cf. Jo 12, 3) associado ao zelo funerário (cf. Jo 19, 39). A atitude de Judas Iscariotes, resultado de uma incompreensão mais severa, é parâmetro de uma autocrítica *nossa*, não matéria de sentençação *dele* (cf. Jo 13, 21s; Mt 26, 14s).

² Id. Ibid., p. 206-208.

³ ADAM, Adolf. **O ano litúrgico**: sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 64.

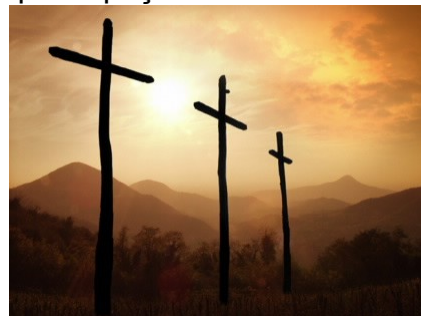
⁴ MISSAL ROMANO. **Palavra do Senhor**: Lecionário semanal II. São Paulo: Paulus, 1995. p. 267-275.

Todavia recordemos: o centro é o **Tríduo Pascal**. Ele não consiste numa **preparação** (tal como a Quaresma), mas na **própria celebração da Páscoa**, só que desdobrada em:



A celebração da noite de **Quinta-feira Santa** possui um tom predominantemente festivo: diz-se o *glória* e tocam-se os sinos. A *transladação* do Santíssimo Sacramento, em procissão solene com cantos, tochas, incenso e cruciferário até o *local da reposição* (ou “*Monumento*”⁵) preparado em capela ornada, não tem pretensão fúnebre e sepulcral, mas de “ostensão” das sagradas espécies para exposição e adoração. A Última Ceia é comemorada como *rito memorial*, precipitando a entrega final de Jesus a se dar na cruz. A “plenitude da caridade” é pedida na oração coleta⁶. O *lava-pés* se inscreve na linha das “comemorações históricas” dos acontecimentos de Jesus, jamais no quadro da eucaristia⁷; explicita a dimensão do vínculo indissolúvel entre a *instituição da Eucaristia* e o serviço da caridade fraterna, requisito de “co-participação no mistério da paixão do Senhor”⁸.

É na **Sexta-feira da Paixão do Senhor**, com o altar totalmente despojado (sem cruz, castiçais ou toalha) e sem celebrar os sacramentos, que a Igreja expressa um profundo pesar mediante a “*prostatio*” (prostração). Remonta a testemunhos dos sécs. II (Ireneu de Lião) e III (Hipólito de Roma) a observância do *jejum pleno* de 40 horas, sinal da participação no sacrifício de Cristo⁹. Sobressai, na liturgia, a teologia da cruz inspirada em São João, instigando uma “amorosa contemplação do sacrifício cruento, fonte da nossa salvação”¹⁰. Disso é urgente distinguir o luto (ou qualquer outra comoção similar) do aspecto da humilhação e da morte, sempre inseparavelmente ligado ao mistério da ressurreição e da glorificação de Cristo¹¹. A *oração universal* (ou “*Oratio fidelium*”¹²) conservada dos primeiros séculos¹³, encerra a Liturgia da Palavra. Elemento fundamental deste dia é a *proclamação da paixão de Cristo* (cf. Jo 18 – 19),



⁵ ALIAGA, E. O Tríduo Pascal. In: BOROBIO, Dionísio (org.). **A celebração da Igreja III: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 105.

⁶ MISSAL ROMANO. São Paulo; Petrópolis: Paulinas; Vozes, 1992. p. 247.

⁷ ALIAGA, 2000, p. 101.

⁸ BERGAMINI, Augusto. Tríduo Pascal. In: **Dicionário de Liturgia**. SARTORE, Domenico e TRIACCA, Achille M. (orgs.). São Paulo: Paulus, 1992. p. 1200.

⁹ Id. Ibid., p. 1200.

¹⁰ Id. Ibid., p. 1200.

¹¹ Id. Ibid., p. 1200.

¹² BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 334.

¹³ ADAM, 1982, p. 74.

que gera o ato de *apresentação e adoração da cruz*, vigente em Jerusalém já no séc. IV. Esse rito não é uma veneração da imagem do crucifixo; em vez de se celebrar a eucaristia, através dele se torna presente o verdadeiro mistério da cruz, cortejado pelos primorosos “Lamentos do Senhor”¹⁴: “Deus santo, / Deus forte, / Deus imortal, / tende piedade de nós!”; “Cruz fiel, árvore nobre, / que flor e fruto nos dais! / Árvore alguma se cobre / das mesmas pompas reais. / Lenho que o sangue recobre, / ao Homem Deus sustentais!”.

O **Sábado Santo** é “aliturgico”¹⁵, pois a Igreja se abstém do sacrifício da Missa enquanto, *junto ao sepulcro do Senhor*, permanece meditando silenciosa e confiante Sua Paixão e Morte. A alegria do convívio fraterno é renunciada, só havendo a *Liturgia das Horas* e nela se evocando “[...] o repouso de Cristo depois do vitorioso combate da cruz”¹⁶. “[...] a Igreja não pode esquecer que a Sexta-feira Santa e o Sábado Santo constituíram a crise mais forte da fé e da esperança dos apóstolos”¹⁷: Judas traiu e vendeu o Mestre; Pedro o renegou.



Intui-se um *preenchimento mariano*: toda fé da Igreja está recolhida em Maria, que permanece sozinha sob a cruz¹⁸. O mistério salvífico da descida de Cristo ao mundo da morte (cf. 1Pd 3, 19; Lc 9, 22), evidenciando que nenhum homem pode se assenhorar de seu destino¹⁹, precisa acalentar nossa espera da Ressurreição, quando enfim nos entregamos às alegrias da Páscoa, que transbordarão por cinquenta dias (até Pentecostes).

Desde o séc. II, a **Vigília Pascal** está eivada do *sentido batismal*: ele não se atém à terceira parte da Vigília (a *Liturgia Batismal*), composta pela bênção da água batismal e a renovação das promessas do batismo (renúncia a Satanás e profissão de fé), mas enreda também a *celebração da Luz* (ou Lucernário), com a bênção do fogo novo e preparação do círio, procissão e proclamação da Páscoa (“*Exultet*”). Essa primeira parte da Vigília recorda a advertência do Evangelho (cf. Lc 12, 35s) de se encontrarem vigilantes, tendo nas mãos lâmpadas acesas, à espera do Senhor. É em razão de um renascimento que se anuncia: “A luz de Cristo que ressuscita resplandecente dissipe as trevas de nosso coração e nossa mente”²⁰.

“O *círio pascal* tem suas antiquíssimas raízes certamente no costume (observado em Roma e em outras partes) de iluminar a noite com muitas lâmpadas. Nestas lâmpadas via-se simbolizado o Senhor ressuscitado de dentro da noite da morte”²¹. Importa mais o significado pascal da luz (= vida nova) – Cristo, “luz do mundo” (Jo 1, 9) – que a bênção do fogo. O *hino de*

¹⁴ MISSAL ROMANO, 1992, p. 262-266.

¹⁵ BERGAMINI, 1992, p. 1200.

¹⁶ Id. Ibid., p. 1200.

¹⁷ Id. Ibid., p. 349.

¹⁸ BERGAMINI, 1994, p. 349.

¹⁹ Id. Ibid., p. 344.

²⁰ MISSAL ROMANO, 1992, p. 272.

²¹ ADAM, 1982, p. 79.

louvor e, principalmente, o *aleluia*, arrebatador canto de núpcias, qual emergir da tumba de Adão que se vai iluminando no amplexo da Ressurreição, são entoados solenemente. Estamos na *Liturgia da Palavra*, segunda parte da Vigília, orientada à meditação das maravilhas realizadas por Deus desde o início pelo seu povo que confiou em sua promessa²², alcançando a plenitude na Eucaristia (quarta parte da vigília), ação de graças em virtude da imolação do Cordeiro, “nossa Páscoa”²³.

Memória e expectativa, presença e comemoração. Cristo é real e verdadeiro nas celebrações! “Felizes os que lavam suas vestes para terem poder sobre a árvore da Vida e para entrarem na Cidade pelas portas” (Ap 22, 14). Dediquemos ao Senhor todos os desejos de se cumprir em nós a oração que nos aguarda na antífona do **Domingo da Páscoa**: “Ressuscitei, ó Pai, e sempre estou contigo: pousaste sobre mim a tua mão, tua sabedoria é admirável, aleluia!”²⁴.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Adolf. **O ano litúrgico**: sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.
- ALIAGA, E. O Tríduo Pascal. In: BOROBIO, Dionísio (org.). **A celebração da Igreja III**: ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000. p. 93-119.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Celebrar a vida cristã**: formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 206-211.
- BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja**: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 315-376.
- BERGAMINI, Augusto. Tríduo Pascal. In: **Dicionário de Liturgia**. SARTORE, Domenico e TRIACCA, Achille M. (orgs.). São Paulo: Paulus, 1992. p. 1198-1202.
- MISSAL ROMANO. São Paulo; Petrópolis: Paulinas; Vozes, 1992. p. 247-296, 421-425.
- MISSAL ROMANO. **Palavra do Senhor**: Lecionário semanal II. São Paulo: Paulus, 1995. p. 267-275.

²² MISSAL ROMANO, 1992, p. 270.

²³ Id. Ibid., p. 421.

²⁴ Id. Ibid., p. 295.